

CRIMSON PEAK E A ROMANTIZAÇÃO DO TEXTO FÍLMICO

Jennifer da Silva Gramiani CELESTE¹

RESUMO

Este estudo pretende lançar alguns vislumbres à dinâmica de romantização do texto fílmico, elegendo para tanto **Crimson Peak** (2015), filme escrito e dirigido por Guillermo del Toro, além de aportes teóricos capazes de embasar nossa análise, dentre as obras de Flavio de Campos, Christopher Vogler e Linda Hutcheon, a simples título de menção. O longa-metragem fora transposto às páginas dos livros impressos pela escritora Nancy Holder, autora que exerce grande protagonismo nessa seara de produção. Na obra, lançada pela editora Record no ano de 2015, verificamos o enaltecimento de detalhes cujas minúcias foram desprezadas quando presentes sobre as telas, bem como a concessão de importância a fatos ou a personagens que não estiveram sob os holofotes das luzes dos estúdios de gravação. Esse tal empreendimento estimula-nos a explorar a atmosfera fictícia idealizada por Del Toro, traçando para além de diferenças, interessantes paralelos entre os universos da tela e do papel, servindo-nos como fomento para os cotejos e diálogos sempre prósperos entre as expressões literária e cinematográfica.

Palavras-chave: Romantização. Texto Fílmico. *Crimson Peak*. Guillermo del Toro.

ABSTRACT

This study intends to cast some glimpses into the dynamics of the novelization of the filmic text, choosing **Crimson Peak** (2015), a film written and directed by Guillermo del Toro, in addition to theoretical contributions capable of supporting our analysis, among the works of Flavio de Campos, Christopher Vogler and Linda Hutcheon, by way of mention. The feature film was transposed to the pages of books printed by the writer Nancy Holder, an author who plays a major role in this area of production. In the work, released by the Record publisher in 2015, we verify the exaltation of details whose minutiae were neglected when present on the screens, as well as the granting of importance to facts or characters who were not under the spotlight of the recording studio lights. This undertaking encourages us to explore the fictional atmosphere idealized by Del Toro, drawing, beyond differences, interesting parallels between the worlds of screens and paper, serving us as an encouragement for the ever-thriving comparisons and dialogues between the literary and cinematographic expressions.

Keywords: Novelization. Film Text. *Crimson Peak*. Guillermo del Toro.

¹ Mestra em Letras (Literatura Brasileira) pelo Centro Universitário UniAcademia. Doutoranda em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal de Juiz de Fora. *E-mail:* djceleste@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O fenômeno da transposição literária compreende a passagem de um texto de natureza qualquer ao estado inerente ao produto literário e vice-versa. Ocorre, por exemplo, quando uma obra é transformada em história em quadrinhos ou, ainda, quando uma narrativa é adaptada aos palcos do teatro. Cada qual recebe a nomenclatura que lhe compete – no caso de nossos exemplos, a quadrinização e a teatralização. O processo de romantização acontece ao propormos a mutação de um dado texto, exceto literário, àquele circunscrito à natureza do romance enquanto gênero narrativo. Trata-se de uma dinâmica ainda não devidamente explorada em território nacional, fazendo-se comum no cotidiano do mercado editorial estrangeiro². A própria denominação do campo abarca algumas controvérsias. Cabe destacarmos que o termo *novelization*, oriundo da língua inglesa e utilizado como indicador do processo – uma vez que *novel*, em inglês, significa romance –, é erroneamente empregado na língua portuguesa para se referir ao ato de adaptação literária, pois a verdade é que o vocábulo **novelização** nada mais é do que um neologismo, ou seja, uma expressão que não se faz existente no léxico português. *Novelization* equivale, na realidade, a um falso cognato, podendo ser traduzido como **romantização**.

Adequadamente contextualizados, apresentamos, então, a proposta de nosso artigo. O presente e breve estudo pretende analisar o produto final da romantização referente ao longa-metragem **Crimson Peak** ou **A Colina Escarlata**. Tal filme fora escrito e dirigido por Guillermo del Toro em união a Matthew Robbins, tendo sido mundialmente lançado nos cinemas no mês de outubro de 2015. Inclusive, Del Toro atua de maneira proeminente para além de sua área do saber. Logo, não é recente o seu interesse pelos diálogos instaurados entre Literatura e Cinema. O cineasta parece se deleitar nas páginas dos livros impressos, pois diversos são os títulos literários que escreveu ou auxiliara a conceder vida – aqui podemos citar o primeiro volume constituinte da trilogia **Noturno** (Rocco, 2009), assinado em parceria com o escritor norte-americano Chuck Hogan, ou a romantização daquela que se figura a mais memorável entre suas produções cinematográficas, **O labirinto do Fauno**

² Decerto, um exemplo corresponde à romantização do clássico **Ferris Bueller Day's Off** (1986) – **Curtindo a vida adoidado** –, originalmente escrito e dirigido por John Hughes e adaptado para os moldes literários pelo escritor Todd Strasser no ano de 1987.

(Intrínseca, 2019), cuja escrita aconteceu junto ao talento da autora Cornelia Funke. O romance inspirado em **Crimson Peak** foi escrito por Nancy Holder, quem exerce um significativo protagonismo no campo da transposição literária. Holder é popular por ter se inspirado nos universos das séries televisivas **Buffy, The Vampire Slayer**, e também de seu *spin-off*, **Angel**, expandindo-os para além dos roteiros até então idealizados somente para as telas. Seguramente, **A colina escarlata** (Record, 2015) desempenha um papel relevante em sua carreira artística como adaptadora.

Para aquilo o que almejamos, elegemos algumas categorias de análise as quais poderão nos auxiliar durante o percurso rumo à imersão no título literário de Holder. São elas, portanto, as cinco características básicas pertencentes a um texto narrativo: narrador, enredo, personagens, tempo e espaço. Ainda, alguns estudiosos que provêm dos campos literário e midiático sustentam nossas perscrutações, dentre Flavio de Campos, Christopher Vogler e Linda Hutcheon. Além deste presente texto introdutório, confeccionamos uma seção dedicada à apresentação da sinopse do texto fílmico em questão, bem como sobre o impacto de seu lançamento na cultura popular. Sucessiva às explanações, há uma seção na qual expomos a análise da obra literária em paralelo ao filme da autoria de Del Toro. Por fim, as considerações finais de nossa exposição, propondo importantes perspectivas à área temática.

1 BEWARE OF **CRIMSON PEAK**³: UMA SINOPSE

A história do filme se desenvolve no início do século XX e inicia-se com o fantasma da mãe de Edith Cushing, ainda criança, alertando-a sobre os perigos de uma localidade até então desconhecida, denominada como Colina Escarlata. Órfã desde a tenra infância, Edith cresce e permanece sob a responsabilidade do pai, Carter Cushing, um engenheiro respeitado por seus feitos. Aspirante à escritora e inspirada nos populares nomes de Jane Austen e Mary Shelley, Edith é atormentada pela lembrança do fantasma de sua mãe no decorrer de toda a fase de juventude, alcançando, enfim, a idade adulta, momento no qual recebe novamente uma visita da progenitora, recordando-a quanto ao perigo iminente guardado pela tal colina.

³ Expressão traduzida livremente como **Cuidado com a Colina Escarlata**. Trata-se de frase presente em cartazes promocionais de divulgação do filme à época de seu lançamento, no ano de 2015.

Também somos apresentados ao Dr. Alan McMichael, jovem médico e amigo de infância da protagonista, pela qual alimenta uma admiração secreta. Um embate amoroso passa a se fazer presente na vida de Edith quando ela se deslumbra pelo misterioso Sir Thomas Sharpe, um baronete inglês que vai à cidade de Buffalo a fim de angariar fundos necessários à construção do protótipo de uma máquina que idealizara para extrair argila das terras na qual reside junto de sua irmã mais velha, Lady Lucille Sharpe. Para além do referido propósito, Thomas desembarcara em território americano objetivando cortejar a moça Eunice McMichael, irmã de Dr. Alan. No entanto, ao conhecer Edith, vê-se completamente extasiado com a possibilidade de alterar os planos traçados, a contragosto de Lucille, fato sobre o qual decerto o espectador se tornará ciente no decorrer do desenvolvimento do enredo. O pai de Edith, desconfiado da estranha atmosfera que circundava os irmãos Sharpe, bem como de suas reais intenções, contrata os serviços de um detetive particular que lhe atesta a sordidez que assinala a tal família britânica, sobretudo o passado de ambos os irmãos, tendo sido Thomas já comprometido. Logo, para impedir quaisquer outros passos mal intencionados em relação à sua herdeira, Sr. Cushing impõe aos então forasteiros o seu retorno imediato à cidade de Londres, ademais, uma condição: que Sir Thomas Sharpe não corresponda às expectativas de Edith, decepcionando-a e a conduzindo a descreer na possibilidade de estabelecer com ele um relacionamento.

Após o trágico falecimento de seu pai, Edith, desolada, casa-se com Thomas – quem já havia lhe enviado um pedido de desculpas por meio de uma carta em tom emocionado –, deixando para trás a cidade natal e o amigo, Dr. Alan McMichael, estabelecendo-se, enfim, nas antigas terras de Allerdale Hall, famosa por sua argila de cor escarlate. O casal divide a casa com a irmã Lucille, quem junto a Thomas mantém relações incestuosas desde a juventude, segredo que vai ao total encontro dos assassinatos das ex-mulheres do baronete, vítimas de envenenamentos. Edith, por sua vez, também é alvo de Lucille, completamente obsessiva pela ideia de deter o irmão apenas para si, além da generosa herança deixada pelo pai da protagonista, *a priori*, cogitada para a manutenção de reparos à máquina criativamente inventada por Thomas. É caro nos recordarmos de que Edith é alertada das artimanhas dos irmãos a partir das aparições dos fantasmas da matriarca Sharpe e das mulheres que ali viveram, figuras de tonalidade carmesim, assim como o substrato terroso daquela morada. Em seu transcorrer, a história apresenta-nos o combate entre Edith

e Lucille, a morte de Thomas pelas mãos da própria irmã e, por fim, a tentativa de heroísmo por parte do Dr. Alan, o qual irá lutar bravamente para salvar seu afeto.

A mansão Sharpe guarda uma série de reminiscências do passado que a torna fantasmagórica e tão rubra quanto o sangue que escorre de suas paredes, uma das metáforas sobre as quais nos debruçaremos na seção pertinente ao mote.

2 CRIMSON PEAK E A CULTURA POP

Tal como acontece com quaisquer produtos voltados ao entretenimento, à época de seu lançamento nas telas das salas de cinema, **Crimson Peak** exercera um expressivo impacto no sistema da cultura popular – afetuosamente denominada como **cultura pop**. Um exemplo contundente à assertiva se refere ao painel de conferência organizado quando houve a realização do evento anual da *Comic Con*, promovido em San Diego, em julho de 2015. Com a participação de Del Toro e o elenco principal do filme, constituído pelos atores Mia Wasikowska, Jessica Chastain e Tom Hiddleston, o momento de partilha das curiosidades e informações acerca do longa-metragem fora sucedido por sessões de autógrafos e fotos com convidados. Durante a realização da mesa de exposições, Del Toro relevou à audiência que seu desejo de escrever algo semelhante à **Crimson Peak** fora inspirado pela escassez de romances góticos no mercado fílmico, tendo sido a sua família aquela que o incentivou a idealizar um produto final livre dos costumeiros rótulos hollywoodianos – certamente, um fato que aqui atribuímos à multiplicidade de categorias outorgadas ao filme, dentre Terror, Suspense, e outros, tais como Romance Gótico, o que se refletiu, decerto, na diversidade de avaliações e notas, algumas positivas e tantas outras negativas, a respeito de seu empreendimento. Os atores, por seu turno, exprimiram a honra de trabalhar estando sob a direção do profissional em destaque, ademais, compartilharam algumas impressões em relação aos personagens que interpretaram na película – Edith Cushing, Lady Lucille Sharpe e Sir Thomas Sharpe, respectivamente⁴. Cabe-nos lembrar de que na edição promovida na temporada anterior, no ano de 2014, fora trazida ao público a exposição de itens circunscritos à

⁴ Para mais informações, recomendamos o acesso ao seguinte *link*: <http://collider.com/crimson-peak-comic-con-panel-recap-tom-hiddleston/#highlights>. Acesso em: 1º jun. 2021.

atmosfera gótica do filme, como é o caso de indumentárias, objetos decorativos e diversos sets interativos da mansão Sharpe, localizada na fictícia Allerdale Hall⁵.

Após o seu lançamento, **Crimson Peak** tornara-se objeto de licenciamento digno à exemplificação de um fenômeno descrito por Henry Jenkins, a convergência midiática, um movimento “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2008, p. 30). No centro no qual as distintas formas de comunicação interagem entre si, o próprio título literário da autoria de Nancy Holder corresponde à possibilidade viável de ilustração do panorama. Para além da transposição às páginas dos livros impressos, assinalando a sua aderência ao campo da Literatura, podemos mencionar o *scrapbook*⁶ intitulado **Crimson Peak: the art of darkness** (Insight Editions, 2015), de Mark Salisbury, por meio do qual os leitores tornaram-se aptos a conhecer algumas particularidades relativas à produção fílmica e aos personagens, além de manusear objetos antes presentes apenas nas telas, como a carta escrita por Thomas à Edith. As figuras colecionáveis lançadas pela marca *Funko* contribuíram ao aquecimento da promoção do longa-metragem, ademais, à sua consolidação como representante da cultura pop. Edith e sua mãe, Ghost Mother, bem como Thomas, integraram o trio adaptado ao formato das *action figures*⁷. Edith ganhou versão especial, inspirada nas cenas finais de seu confronto com Lucille, nas quais o seu rosto é manchado por sangue, e a barra de sua camisola, pela argila escarlata do terreno de Allerdale Hall. Na mão, ao invés do típico candelabro utilizado pela personagem para iluminar seus passeios noturnos pela mansão, porta a faca usada contra a cunhada⁸ (**Figura 1**):

Figura 1. Os personagens de **Crimson Peak**
como figuras colecionáveis da marca *Funko*

⁵ Neste *link*, será possível acompanhar um breve *tour* pela exposição, guiado por Del Toro: <http://www.youtube.com/watch?v=Zu5AFwI7VXM>. Acesso em: 1º jun. 2021.

⁶ Livros adornados com materiais interativos das mais diversas naturezas.

⁷ Figuras decorativas que representam personagens vinculados ao universo do entretenimento, entre reais e fictícios, provenientes dos diversos campos da manifestação artística e popular, tais como música, cinema, televisão, literatura, entre outros congêneres.

⁸ Essa edição fora exclusivamente produzida para o evento da *Comic Con* de Nova York.



Da esquerda para a direita: Sir Thomas Sharpe, Ghost Mother e Edith Cushing.

Fonte: *Blog de Brinquedo.*

Disponível em: <http://www.blogdebrinquedo.com.br>. Acesso em: 1º jun. 2021.

No ciberespaço, as iniciativas de integração entre produtores e audiência fizeram-se eloquentes, haja vista a criação de perfis *online* em diversas redes sociais, dentre as quais, *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Pinterest*, esta última, repleta de imagens e trechos de vídeos inspirados na arte do filme. Os fãs e espectadores da película assinada por Del Toro também se manifestaram – e até hoje assim o fazem – a fim de expressar a admiração pelo título e enaltecê-lo sob diferentes instâncias. Citamos, nesse contexto, a manufatura e a publicação de *fanfics*⁹ em *websites* especializados, tais como *Wattpad* e *Spirit Fanfics*. Essas tantas iniciativas contribuíram à expansão do universo sugerido pela narrativa de Del Toro, uma vez que por intermédio de tal movimento os fãs idealizam horizontes possíveis ao curso da história, criando novas e distintas perspectivas às trajetórias trilhadas por seus personagens, e conferindo, por isso, expectativas aos acontecimentos até então eternizados somente sobre as telas. As *fanpages* dedicadas ao compartilhamento de novidades e curiosidades sobre o filme também se constituíram parte relevante na rede de convergência impelida pela era digital. Por sua vez, o espectro de aspectos visuais de **Crimson Peak**, assumidamente influenciado por uma atmosfera gótica e

⁹ As *fanfics* são narrativas da autoria de fãs, os quais se apropriam dos elementos atrelados aos seus produtos artísticos e culturais prediletos a fim de lhes propor realidades alternativas.

obscura, com nuances da época vitoriana, motivou os espectadores a criarem suas próprias artes no formato de desenhos e outros materiais, publicando-as em páginas eletrônicas dedicadas à disseminação desses conteúdos, como *DeviantArt*.

Os adeptos à popular arte do *cosplay*¹⁰ também puderam expressar a sua admiração pela produção cinematográfica de Del Toro, pois as vestimentas do núcleo principal de personagens são dignas de apreciação. Ademais, a indumentária por ele utilizada estabelece estreito diálogo com seu quadro de características gerais e, também, traços de personalidade que a ele pertencem, assim como analisaremos.

O vislumbre do filme em destaque em meio à cultura popular serve-nos como caminho de suma relevância ao primordial objetivo do artigo: a análise do processo de romantização de **Crimson Peak**, enfim, é a seguir apresentada e discutida.

3 A ADAPTAÇÃO LITERÁRIA DE NANCY HOLDER

Para nos aprofundarmos na produção da autoria de Nancy Holder, elencamos como categorias de análise os cinco elementos básicos e pertencentes à narração – narrador, enredo, personagens, tempo e espaço –, partindo do pressuposto de que um texto fílmico, em sua essência, constitui-se também enquanto produto narrativo. Devemos ainda considerar os preceitos de Hutcheon (2013, p. 40, grifo da autora) a respeito das possibilidades de adaptações, especificamente no que toca à premissa de que “a transposição para outra mídia, ou até mesmo o deslocamento dentro de uma mesma, sempre significa mudança ou, na linguagem das novas mídias, ‘reformatação’”. Com base nesse critério de análise, logramos compreender que as diferenças entre as histórias que nos são apresentadas nas telas ou nos livros são elementos intrínsecos e imprescindíveis às facetas peculiares que constituem cada uma das modalidades de linguagem na qual enredo ou produto far-se-ão presentes. Além disso, recordemo-nos de que “qualquer que seja o motivo, a adaptação, do ponto de vista do adaptador, é um ato de apropriação ou recuperação, e isso sempre envolve um processo duplo de interpretação e criação de algo novo” (HUTCHEON, 2013, p. 45). Constatações tais como essa imputam às pretensões de

¹⁰ Arte de caracterizar-se tal como personagens reais ou fictícios, ícones da cultura popular.

cotejos e diálogos entre Literatura e Cinema – ou distintas formas de expressão – uma aura próspera às aproximações e discussões que aqui pretendemos realizar.

Anterior às exposições, faz-se necessário trazer ao saber dados de caráter técnico associados ao título literário selecionado. **A colina escarlata** (Record, 2015) possui trezentas e sete páginas, incluindo um epílogo, trinta e dois capítulos e um prólogo. Seus capítulos foram organizados em três diferentes livros, sucessivamente intitulados **Entre o Desejo e as Trevas**, **Entre o Desejo e a Loucura** e **A Colina Escarlata**, responsáveis por sistematizar as progressões no transcorrer das quais a história fictícia se desenvolve, culminando em desfecho deveras impactante.

A seguir, eis os nossos registros sobre a transposição literária da película.

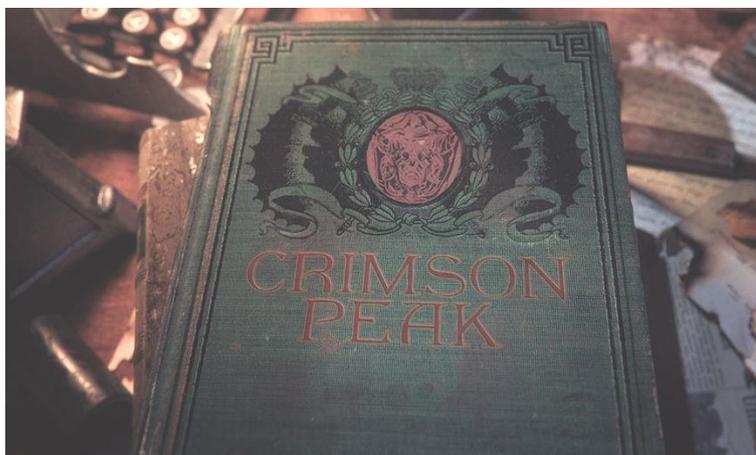
3.1 NARRADOR

No título de Holder (2015), as funções de observação e onisciência são atribuídas àquele que atua como narrador da história. Seu posicionamento é guiado por uma intuição infalível, pois aparenta conhecer a intimidade de cada personagem, bem como os encaminhamentos que pretendem conceder às próprias trajetórias. Flavio de Campos (2007, p. 34), ao se referir à seara relativa ao cinema, salienta a importância da figura do narrador como um alguém que “a partir de um ponto de vista, percebe, interpreta, seleciona, organiza e, por fim, narra os pontos de foco que selecionou de uma massa de estória”. Na produção cinematográfica, aquele que narra está apto a se materializar, segundo o autor, “nos instrumentos de captação de imagem e de som, a câmera e o microfone” (CAMPOS, 2007, p. 62). O narrador de um filme é, nos termos do estudioso em voga, um **bisbilhoteiro**, atuando igualmente assim no livro tradicional de papel, em especial quando consciente no que tange às ferramentas que possui ao seu favor objetivando conosco compartilhar histórias.

Próximo ao término do filme, somos então apresentados ao fato de que a narrativa de **Crimson Peak**, na realidade, constituía-se enquanto história idealizada por Edith, estando presente, a tal narrativa, em um livro homônimo assinado pela protagonista (**Figura 2**). Logo, o enredo do filme e de sua transposição seria o equivalente ao compilado fictício das tetricas experiências da donzela durante a sua breve passagem por Allerdale Hall. De fato, é essa personagem quem inicia e finaliza a narração do texto fílmico, no decorrer do qual a voz a ela concedida é

substituída pela atuação dos demais sujeitos ali envolvidos. Aliás, uma de suas icônicas falas – “fantasmas existem, disso eu sei” – está presente na apresentação e no desfecho de ambas as modalidades do texto, seja ela fílmica ou literária, indicando-nos, por esse justo motivo, uma composição em anel – também conhecida por *ring composition* – por meio da qual uma progressão de acontecimentos alcança, enfim, a ideia colocada logo ao início, possibilitando o estabelecimento de diálogos entre os fatos já expostos. O livro é narrado ora em primeira pessoa – evocação de devaneios dos personagens –, ora em terceira pessoa – narração como observador.

Figura 2. O livro fictício de **Crimson Peak**, por Edith Cushing



Fonte: *Pinterest* de **Crimson Peak**.

Disponível em: <http://www.pinterest.com/crimsonpeak>. Acesso em: 1º jun. 2021.

Um fato demasiado interessante se refere à concessão de voz àquilo o que Holder (2015) nomeara **Coisa**, aludindo-se ao fantasma de Lady Beatrice Sharpe, mãe dos irmãos Lady Lucille e Sir Thomas, cuja atuação é indicada pelo enunciado de “a coisa observava”, assim como consta neste trecho: “*Não há Deus aqui, pensou a coisa. Abandonai toda a esperança, vos que entraís*” (HOLDER, 2015, p. 113, grifos da autora). Portanto, a adaptadora estabelece um novo parâmetro aos olhares dispostos pelo suposto narrador da obra de Del Toro, assumindo um específico ponto de vista até então inexplorado sobre telas, acrescentando algo novo à história.

3.2 ENREDO

Em termos generalistas, os conjuntos de fatos pertencentes aos tais textos fílmico e literário assemelham-se entre si naquilo o que diz respeito às ações, aos personagens, ao tempo e ao espaço, sendo esses fatores as nossas referências.

Entretanto, novas situações são acrescentadas ou ainda melhor exploradas quando na linguagem literária, como é o caso dos *flashs* que retratam a relação de carinho entre Edith e a sua mãe; a longa viagem realizada por Dr. Alan McMichael à Allerdale Hall após a sua descoberta sobre o passado dos irmãos Sharpe; e, por fim, um relevante *flashback* que remonta à infância dos jovens Lucille e Thomas. Essas passagens exclusivamente criadas por Holder (2015) contribuem à extensão do universo outrora idealizado por Del Toro e complementam algumas questões parcamente abordadas na narrativa original. O desconhecimento sobre a vida da família Sharpe, única opção ofertada àquele que ao filme assiste, evidencia-nos descuido ou mesmo descaso no que concerne à abordagem de fatos cuja apresentação seguramente far-se-ia de extrema importância à compreensão das ações executadas pelos personagens de Lucille e Thomas. Contudo, reconhecemos que o texto fílmico, em proporções análogas à narrativa literária, guarda as suas particularidades justamente em razão de abarcar uma linguagem específica, o que nos remonta à teoria sugerida por Hutcheon (2013). Diante disso, sem quaisquer ressentimentos, dispomo-nos a entender as inclusões da autoria de Holder (2015) enquanto apêndices para um melhor delineamento da atmosfera trazida à luz pela história de **Crimson Peak** – elucidações imprescindíveis ao destino de Edith.

Nesse sentido, acreditamos que Holder (2015) apropriara-se do recurso de narração colocado em prática na produção de películas cinematográficas, tendo em vista, em consonância à teoria assinada por Campos (2007, p. 77), ter segregado a história em diferentes tramas – uma **trama primária**, que nos conta a história de Edith, e uma **trama secundária**, a qual nos apresenta às ações dos irmãos Sharpe. Tais linhas confluem-se quando os personagens interagem, instaurando referências múltiplas e muito bem demarcadas à composição do enredo gótico e obscuro.

3.3 PERSONAGENS

Na obra literária de Holder (2015), os protagonistas da história, dentre Edith, Lucille e Thomas, recebem a atenção que lhes é conveniente, bem como acontece no longa-metragem. Entretanto, outros personagens têm as suas trajetórias melhor examinadas, o que lhes atribui significativa relevância no transcorrer dessa história, já que a mãe de Edith e o Dr. Alan McMichael são apresentados no texto fílmico como personagens de aparição recorrente e, por vezes, demasiada pontual.

A abordagem escrita assinada por Holder (2015) propõe-nos perceber e refletir metaforicamente a respeito dos personagens de Edith, Lucille e Thomas. Supomos que a escritora tenha se embasado em questões particulares à linguagem cinematográfica, considerando, nesse ínterim, a fotografia soturna e o figurino gótico idealizado a fim de dialogar com as personalidades do elenco. Não é exagero aqui nos recordarmos da famigerada **Jornada do Herói**, proposta teórica do mitólogo Joseph Campbell, eximamente descrita por Christopher Vogler. A **Jornada do Herói** é um compêndio que oferta proposições à estrutura padrão das histórias contadas no transcorrer dos milênios, transmitidas de geração em geração, com destaque aos eixos arquetípicos que sustentam as formas de ser e estar de seus personagens. Em sua célebre obra, Vogler (2006, p. 49) entende esses tais arquétipos, ou seja, os antigos padrões de personalidade herdados e compartilhados pela Humanidade, “não como papéis rígidos para os personagens, mas como funções que eles desempenham temporariamente para obter certos efeitos numa história”. Portanto, a trilha ditada pelo referido autor auxilia-nos a entender que um mesmo personagem pode ser capaz de assumir facetas múltiplas, a depender dos objetivos almejados.

Paulo Gomes (2009) informa-nos sobre casos extremos nos quais a palavra falada desempenha papel relevante à construção dos personagens que pertencem aos filmes em detrimento da constituição que ocorre a partir da escrita do romance, pois se toma de empréstimo, durante esse último processo, a linguagem de cunho verbal. O estudioso afirma que “nos filmes, por sua vez, e em regra generalíssima, as personagens são encarnadas em pessoas” (GOMES, 2009, não paginado), algo observado no caso da mansão Sharpe, uma personagem eloquente que atua como palco para as ações dos protagonistas da narrativa, sendo-lhe outorgadas funções de natureza humana, em especial quando Thomas, em uma frustrada tentativa de

acolhimento em relação à esposa, assustada com os ruídos produzidos pelo vento, anuncia-lhe que a casa é capaz de respirar – quiçá, exprimir largos suspiros.

Defronte a essas clarificações, a prática da transposição literária aparenta possuir especificidades demasiadas complexas quando equiparada à construção de personagens na produção cinematográfica, porque o artifício o qual se tem em mãos é a palavra, juntamente à sua empregabilidade crítica. Sob esse prisma de análise, o autor da romantização do texto fílmico pode elaborar personas a partir dos aspectos visuais antes trazidos às telas, por exemplo, encontrando-se diante de um desafio: reproduzi-los de modo sensível e fidedigno no campo predominantemente verbal.

Observemos, a seguir, as metáforas que logramos depreender do título em análise, estabelecendo paralelos com as descrições da autora (**Tabela 1**). Adiante, fotografias dos três personagens principais da trama (**Figura 3**).

Tabela 1. Metáforas X Descrições de Holder (2015)

Personagens	Metáforas	Descrições de Holder (2015)
Edith Cushing	Invólucro de luz e calor. Brilha abundantemente como o sol. Visionária, é perspectiva de esperança a Thomas, ademais, bonanza para os tempos vindouros.	“Ela usava uma saia dourada e um cinto cujo fecho era como duas mãos de marfim que se prendiam uma sobre a outra” (HOLDER, 2015, p. 64).
Lady Lucille Sharpe	Representação da escuridão e do medo. Fundiu-se à mansão, uma vez ter se afeiçoado ao referido local em virtude das terríveis lembranças de sua juventude.	“O traje de Lady Sharpe era pontuado por uma enorme flor vermelha no colo e por gola e mangas de renda” (HOLDER, 2015, p. 65).
Sir Thomas Sharpe	Mediador da luz e escuridão, tende à obscuridade em razão da influência exercida por Lucille. À deriva no oceano desconhecido, vê em Edith a possibilidade de evitar afogar-se na própria maleficência.	“Sir Thomas era uma sombra negra, alta, com uma tira de colarinho branco e uma corrente prateada de relógio pendurada” (HOLDER, 2015, p. 65).

Fonte: Autoria própria.

Figura 3. Os personagens principais de **Crimson Peak**



Da direita para a esquerda: Edith Cushing, Lady Lucille Sharpe e Sir Thomas Sharpe.

Fonte: *Pinterest* de **Crimson Peak**.

Disponível em: <http://www.pinterest.com/crimsonpeak>. Acesso em: 1º jun. 2021.

É por isso que devanearmos sobre o fato de que Edith ilumina a vida e os passos sombrios de Thomas, acostumado a viver sob a escuridão da sombra à qual sua irmã, Lucille, o sujeitara, não equivale a exagero, entendendo ainda a mansão Sharpe como uma entidade dotada de características humanas: a casa respira por intermédio de suas chaminés desgastadas, sangra argila carmesim por paredes putrificadas e em razão das desesperadas lamúrias que advêm das mulheres que ali foram vítimas das maldosas trapaças planejadas pelos tais irmãos. É também viável inferirmos sobre o local como aquele que sufoca seus moradores, privando-lhes de toda e qualquer consciência tocante aos seus atos. Assim sendo, essa atmosfera metafórica que paira sobre o enredo de **Crimson Peak** e a romantização de seu roteiro – relativa ao fato de que na Colina Escarlata a terra rubra simboliza o sangue que se origina das atrocidades lá cometidas ou, ainda, o derretimento da neve e o surgimento da argila como indicativos de que algum mal está prestes a acontecer – corrobora com a composição de cada personagem da obra materializado no texto

fílmico e poetizado no texto literário. Notemos, ainda, que as próprias ambientações nas quais as ações são então desenvolvidas contribuem às noções de cunho lírico atreladas aos personagens. O quarto de Lady Lucille, por exemplo, é descrito como “um viveiro com suas colônias de insetos vivos e uma cripta para os muitos infelizes que ela escolhera matar e exibir” (HOLDER, 2015, p. 192), sendo que o exercício imaginativo a respeito do local de repouso da referida antagonista é fidedigno exclusivamente à sua persona, bem como à sua indumentária e aos seus traços de personalidade, uma vez que esse cômodo é remotamente explorado no filme.

Ademais, os momentos de diálogo e encontro entre Edith e Sir Thomas são capazes de tornar mais acessível a aura romântica que os envolve: “no momento em que conheceu Edith, ficou deslumbrado por ela, assim como uma mariposa fica atordoada e é atraída pela luz de uma vela. Edith era dourada como o sol, e Thomas não conseguia evitar voltar seu rosto para o dela” (HOLDER, 2015, p. 181). Inclusive, neste trecho, tornamo-nos aptos a perceber uma analogia presente no filme – Edith como uma borboleta bonita e frágil, enquanto os irmãos Sharpe como mariposas que se alimentam às custas de outros insetos inocentes (**Figura 4**).

Figura 4. “Coisas bonitas são frágeis”, diz Lady Lucille à Edith durante um agradável passeio no parque da cidade de Buffalo



Fonte: *Pinterest* de **Crimson Peak**.

Disponível em: <http://www.pinterest.com/crimsonpeak>. Acesso em: 1º jun. 2021.

O olhar que Holder (2015) deposita nos protagonistas de Del Toro concede continuidade ao ciclo evolutivo decerto por ele cogitado para o filme. Cremos que Edith, Lucille e Thomas constituem-se como **personagens esféricos**, cujos traços complexos são definidos pela multiplicidade que emana de suas próprias naturezas fluidas e, portanto, inconstantes – de mocinha, Edith passa a heroína; de afetuosos e hospitaleiros, os irmãos Sharpe contradizem suas ações –, reiterando aquilo o que anteriormente nos dissera Vogler (2006) sobre os tais eixos arquetípicos atrelados a personagens. Nesse mesmo contexto, acreditamos também caber mais um excerto: “ninguém quer ver um filme ou ler uma história sobre qualidades abstratas em forma humana. Queremos histórias sobre gente de verdade” (VOGLER, 2006, p. 53).

Ancorados nas definições de Candido (2009), podemos supor que esses personagens, sob ambos os formatos, obra literária e produção fílmica, figuram-se enquanto **sujeitos de natureza**, aqueles para os quais além dos estilos superficiais, são outorgados modos íntimos de representar, afastando-os da previsibilidade que Vogler (2006, p. 53) nos teorizara – “não são imediatamente identificáveis, e o autor precisa, a cada mudança do seu modo de ser, lançar mão de uma caracterização diferente, geralmente analítica, não pitoresca” (CANDIDO, 2009, não paginado).

Apesar de melhor trabalhados no texto publicado sobre as páginas do livro, a mãe de Edith e o Dr. Alan McMichael permanecem enquanto **personas estáticas**, porque suas atuações fazem emergir estereótipos populares, transmissores de seus reais propósitos sem que haja quaisquer significativos impedimentos.

3.4 TEMPO

O tempo equivale a um aspecto de fácil análise, bem como ocorre com o próximo. No título escrito por Holder (2015), em consonância à obra cinematográfica original, a história inicia-se no ano de 1886, marco do falecimento da mãe de Edith.

Adiante, tem o seu prosseguimento narrado a partir de 1901, mas esse fluxo temporal é interrompido no vigésimo terceiro capítulo do suporte literário, quando Holder (2015), intentando apresentar algumas ocorrências ao entorno da vida da misteriosa família Sharpe, sugere-nos regredir ao ano de 1876, há vinte e cinco anos. Isso nos é apresentado durante a película apenas próximo ao seu desfecho, quando Edith questiona Lady Lucille a respeito dos terríveis motivos que a

estimularam a cometer os assassinatos há algum tempo por ela descobertos após a audição de gravações dos depoimentos das vítimas, em uma de suas explorações.

Em **A colina escarlate** (2015), o tempo é interceptado por outras eras, mobilizando a sua própria estrutura, contribuindo, assim, à criação de uma realidade alternativa; universos paralelos que auxiliam os então espectadores do produto cinematográfico, agora também leitores, a compreender a atmosfera fictícia da história em toda a sua totalidade, descartando os espaços antes em branco.

3.5 ESPAÇO

Semelhante ao filme, a narrativa do livro também se passa nas locações das cidades de Buffalo, em Nova York, e Cumberland, em Londres, entretanto, a autora acrescenta à narrativa um capítulo no qual o Dr. Alan McMichael viaja pelo oceano atlântico rumo à Allerdale Hall, fato não existente no longa-metragem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de romantização de **Crimson Peak** viabilizou-nos refletir a respeito dos possíveis paralelos entre Literatura e Cinema, ainda que de maneira rasa. Afinal, este artigo não pretendeu aprofundar-se nas viabilidades de interfaces dialógicas entre textos literários e filmicos ou esgotar seus caminhos para análise. Objetivamos apresentar cotejos relevantes ao vislumbre desse tópico, atendo-nos a um entre tantos e inúmeros títulos cinematográficos disponíveis à grande audiência. Ademais, cremos a presente produção acadêmica se configurar exercício criativo, apesar de dotado da criticidade esperada de quaisquer textos que circulam no meio. Minha pesquisa de Mestrado, orientada pela Prof.^a Dr.^a Juliana Gervason Defilippo, produzida e defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação pertencente ao Centro Universitário UniAcademia – ainda enquanto CES/JF – em nada se atreveu a contribuir à área temática que apresentamos até o momento. **O livro nos tempos de #likes: transfigurações na literatura brasileira contemporânea** (2018) almejava trazer à luz as viabilidades de se pensar passado, presente e futuro vinculados ao objeto do livro impresso enquanto uma das materialidades possíveis ao fazer literário em meio à nossa contemporaneidade predominantemente digital, com seus

pretensos blogueiros e *youtubers* escritores. Hoje, no Doutorado, incluo mais uma categoria a esse grupo, os *wattpaders*, usuários internautas da plataforma virtual de autopublicação *Wattpad*, capazes de induzir a construção de novas ramificações à Literatura e aos desdobramentos que dessas apocalípticas práticas podem emergir. Porém, acredito no poder de adaptabilidade do pesquisador diante da necessidade de exploração de um produto que clama por atenção, seja qual for a sua origem. Logo, inspirada por minha formação, abro-me às possibilidades transdisciplinares.

Retomando nosso debate, percebemos a romantização como uma espécie de movimento inverso no centro das atividades de convergência das mídias. Em geral, são os livros os responsáveis por atuarem como premissas à extensão do universo até então contido somente sobre as suas muitas páginas. Decorre dessa dinâmica um significativo arsenal de produtos culturais cujos pilares encontram suas bases nas linhas outrora verbalizadas nos materiais impressos ou no ciberespaço, dentre as adaptações para o cinema ou teatro, as séries televisivas, os *games*, as histórias em quadrinhos e os demais e tantos conteúdos pertinentes aos formatos pretendidos. Lançarmos luzes a esse meticuloso processo de transposição literária exige-nos olhares dedicados, procurando em seu cerne entender as estratégias utilizadas e as conseqüentes trilhas percorridas por aquele que se encontra imbuído da missão de eternizar uma dada narrativa fílmica em suportes outros, com linguagens peculiares.

Para além de seus claros propósitos originais, parece-nos que a romantização cumpre com a função de preencher as lacunas narrativas às quais popularmente nos referimos como falhas de roteiro. Por óbvio, é de nosso conhecimento que assim como acontece em um texto de natureza literária, o produto cinematográfico também possui características a ele singulares, e é exatamente por esse motivo que a confecção de uma narrativa sob os moldes do romance pode estar apta a complementar uma produção fílmica, enquanto a mesma, por conseguinte, pode nos apresentar a história a partir de perspectiva distinta se comparada àquela proposta pelo registro inerente ao campo da Literatura. Portanto, o processo de análise de uma romantização consolida-se como algo condicionado ao estabelecimento de diversas variáveis. Um exemplo que merece destaque concerne ao total desprezo pelo passado dos irmãos Lady Lucille e Sir Thomas na obra original de Del Toro. Não que isso não tenha sido cogitado ao filme, o qual possui regras de organização

e duração específicas à sua linguagem, mas os seus espectadores podem ter percebido a ausência de clarificações que pudessem de fato sustentar atitudes ou discursos dos irmãos diante da protagonista heroína. O empreendimento literário assinado por Holder (2015) capta essa e outras deficiências, transformando-as em trechos sugestivos ou mesmo em capítulos completos dedicados a desbravar as marcas sombrias que se instauraram sobre Allerdale Hall e a família que ali residia.

Outra questão que nos alertara a atenção tange ao trabalho de prosa a partir dos aspectos visuais imanentes à **Crimson Peak**. Bem como salientamos ocorrer em anterior subseção, Holder (2015) usufrui da magia que somente o cinema está apto a exercer sobre os admiradores para simbolizar, por intermédio das palavras – seu principal instrumento de trabalho –, os traços deste ou daquele personagem.

É assim, em meio a cotejos profícuos, que encerramos este discorrer. Porém, não tarde, aqui lhes precavemos: entre o desejo e as trevas, entre o mistério e a loucura, a verdade se esconde sob a Colina Escarlata. *Beware!*

REFERÊNCIAS

A COLINA escarlate. Direção de Guillermo del Toro. Estados Unidos da América; Canadá: Legendary Pictures, 2015. DVD (119 min.).

CAMPOS, Flavio de. **Roteiro de cinema e televisão**: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma história. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. [e-book]

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In*: CANDIDO, Antonio *et al.* (org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2015. [e-book]

CELESTE, Jennifer da Silva Gramiani. **O livro nos tempos de #likes**: transfigurações na literatura brasileira contemporânea. 239 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

DEL TORO, Guillermo; HOGAN, Chuck. **Noturno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

DEL TORO; FUNKE, Cornelia. **O labirinto do fauno**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

GOMES, Paulo Emílio Sales. A personagem cinematográfica. *In*: CANDIDO, Antonio *et al.* (org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2015. [e-book]

HOLDER, Nancy. **A colina escarlate**. São Paulo: Record, 2015.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

SALISBURY, Mark. **Crimson Peak: the art of darkness**. San Rafael: Insight Editions, 2015.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.